

**Entrevistas com Robert Hullot Kentor. DURÃO, Fabio Akcelrud (Org.). Trad. Edmir Missio; Fabio Akcelrud Durão; Tauan Fernandes Tinti. São Paulo: Nankim, 2012. 96 p.**

Marcio Renato Pinheiro da Silva

Robert Hullot-Kentor é um dos principais estudiosos norte-americanos de Theodor W. Adorno, tendo escrito diversos ensaios a respeito (ver, por exemplo, “Things Beyond Resemblance”, Columbia U. P., 2006), bem como traduzido diversas obras do filósofo alemão para o inglês. Seu pensamento, extremamente original e necessário no que diz respeito ao papel que, hoje, pode ter a Teoria Crítica, permanecia muito pouco publicado no Brasil (de fato, apenas dois de seus ensaios eram encontráveis por aqui). Daí que o “Entrevistas com Robert Hullot-Kentor”, organizado por Fabio Akcelrud Durão (Nankim, 2012) vem, justamente, suprir essa lacuna. O volume, composto por conversas entre Hullot-Kentor e quatro entrevistadores (Paul Chan, Chris Mansour, Breixo Viejo e o próprio organizador) e encerrado por um ensaio de Hullot-Kentor, até então, inédito no Brasil (“Céu de Brigadeiro”), é uma boa oportunidade para travar contato com sua reflexão.

De fato, a maneira como Hullot-Kentor se vale da Teoria Crítica é extremamente sofisticada, à medida que lhe interessa integrar o tempo à própria estrutura dos conceitos, algo absolutamente avesso à “aplicação” pura e simples destes a quaisquer objetos ou fenômenos. De um lado, porque o esquecimento desempenha, aí, papel fundamental: é ele o que permite o ingresso do tempo no corpo mesmo dos conceitos. De outro, porque o “tempo” aí em questão não é

---

\* Professor Adjunto de Teoria Literária da UFRN e, atualmente, Pós-Doutorando em Teoria & História Literárias pela Unicamp.

uma categoria abstrata, mas, em larga medida, a própria história. Não por acaso, ao ser indagado, por Paul Chan, sobre a singular variação de *andamento* (na acepção musical do termo) em seus escritos, diz Hullot-Kentor:

*“Se escrever não fosse um tipo de catapulta, um instrumento do não-intencional, ninguém jamais teria se interessado por isso. Se não fossemos capazes, pela escrita, de fazer algo mais do que podemos fazer, há muito tempo teríamos deixado isso de lado.” (HULLOT-KENTOR apud DURÃO, 2012, p. 12).*

De certo modo, Hullot-Kentor se relaciona com a história e com a Teoria Crítica (em especial, com Adorno) visando *catapultar*, por assim dizer, seu próprio pensamento.

Daí que suas intervenções sejam extremamente ricas em insights de toda ordem, relativos à história e ao cotidiano norte-americanos, à filosofia, à academia etc., cuja devida exposição, infelizmente, transcendem os limites de uma resenha. Mas vejamos, ao menos, dois destes *insights*.

O primeiro diz respeito a uma associação, surpreendente em princípio, entre Adorno e Charles Darwin. Para Hullot-Kentor, uma das grandes preocupações de Adorno consiste em como poderia ser uma vida que não se resumisse à sua auto-preservação. Isso o leva, por exemplo, a atentar ao fator primitivo existente na sociedade como um todo. E é aí que a teoria de Darwin sobre a seleção natural pode ser transposta à história humana, evidenciando este elemento primitivo. O fato de Adorno ampliar isso por meio do estudo de sua variada incidência na sociedade visa, precisamente, projetar uma superação parcial deste caráter primitivo, naquilo que, nele, é mera auto-preservação. Ao mesmo tempo, para Hullot-Kentor (via Adorno), as próprias sociedades modernas, a despeito de seu suposto grau de sofisticação ou “evolução”, tratam de sabotar essa possibilidade ao

fazer convergir suas potencialidades tão-somente à auto-preservação. O mundo contemporâneo é só mais um capítulo na história de uma promessa sistematicamente não cumprida, como evidenciam várias das falas de Hullot-Kentor, e nos mais variados âmbitos.

O segundo *insight* diz respeito a uma complexa argumentação, encontrável tanto nas entrevistas quanto no ensaio que encerra o volume, sobre a incapacidade crônica dos norte-americanos em representar o bem comum. Isto vai desde simples atitudes, tais como ajudar um desconhecido na rua quando este perde o equilíbrio e precisa de braço amigo para não cair, até a maneira como o legislativo e o executivo norte-americanos se comportam. Para Hullot-Kentor, tais traços se coadunam ao próprio Capitalismo em sua feição norte-americana, naquilo que, nele, há de desconsideração pelo cidadão comum, bem como em seu suporte a corporações cuja atividade transcende, em muito, o mercado de bens, chegando, inclusive, a prescrever o espaço público das cidades. Tanto que, no ensaio de encerramento do volume, “Céu de Brigadeiro”, Hullot-Kentor vincula tais traços à própria relação dos norte-americanos com a história. Para o autor, “ao contrário dos romanos, que marcavam suas vitórias sobre as cidades com monumentos históricos, os Estados Unidos, em sua história expansionista, marcam suas vitórias [...] como um triunfo sobre a própria história. É uma questão de princípio: ‘Onde estivemos, não deverá haver história.’” (HULLOT-KENTOR *apud* DURÃO, 2012, p. 78). Como 11 de Setembro marca um evento, por assim dizer, incortonável, diante do qual não há como a sociedade norte-americana se silenciar, isso é resolvido de duas maneiras. A primeira delas diz respeito à mercantilização da data, abrangendo de “promoções” de grandes varejistas até a dos próprios memoriais que, desde a data citada, disseminaram-se. Acompanhando este fenômeno tanto *per se* quanto comparando-o à maneira como os norte-americanos se reportam a outros eventos traumáticos afins (por muitos dos quais foram responsáveis diretos), Hullot-Kentor prevê a possibilidade de

todo esse processo se converter “na lembrança da própria vida como sendo a memória de um sacrifício que não deu em nada” (HULLLOT-KENTOR *apud* DURÃO, 2012, p. 94). Tanto que, ao concluir sua reflexão sobre todo o processo envolvendo a construção do principal memorial à 11 de Setembro no local onde, antes, encontravam-se as torres abatidas, Hullot-Kentor escreve: “é um monumento à transformação de cada capacidade e recurso da humanidade rumo ao que *poderia* ser naquilo que, em seu lugar, tem a história sempre sido.” (HULLLOT-KENTOR *apud* DURÃO, 2012, p. 95).

De certo modo, as duas maneiras que Hullot-Kentor prevê para que seja quebrado este círculo vicioso é, de um lado, a própria reflexão, e, de outro, a arte, pois “a arte, quando é arte, está em oposição à cultura.” (HULLLOT-KENTOR *apud* DURÃO, 2012, p. 57). Trata-se, portanto, de uma conjunção entre ética e estética e entre crítica e vida. E é, precisamente, esta conjunção, absolutamente necessária, aquilo que o leitor poderá encontrar no volume, podendo servir, inclusive, de fomento a reflexões afins sobre a sociedade brasileira hoje.